

## ANIMAIS NA BÍBLIA - UMA BREVE ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

Cynthia Vicente Melges Vieira (IC) e Lídice Meyer Pinto Ribeiro (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e identificar os usos e costumes do povo hebreu com relação aos animais, compará-los a outros povos do mesmo período e buscar repercussões desses “usos” nos dias de hoje. Feito um levantamento, na Bíblia há 3144 versículos citando 219 animais, divididos por gênero, grau e espécie. Dentre esses animais constantes na Bíblia, foram analisadas três categorias: os apartados para alimentação, os voltados para sacrifícios e os considerados impuros; e como representantes destes: bovinos, caprinos, ovinos, columbídeos e suínos. Selecionou-se estas cinco classes, para análise e identificação do inter-relacionamento entre os povos descritos na Bíblia. Comparam-se os hábitos deste período histórico e sua repercussão aos dias de hoje. Concluiu-se que o enfoque dado aos animais é: alimento, holocausto, serviços e metáforas. Na crença judaico-cristã há a consolidação de um Deus único, cuja representação de Sua força e vitalidade ocorre devido ao expurgo de outros deuses e, ao mesmo tempo, se apega na simbologia de alguns animais. Ainda, de acordo com a Bíblia, humanos devem se relacionar com animais não racionais, sobrepondo-se a eles, porém de maneira harmoniosa. Todavia, ao longo do tempo, a visão humana frente aos animais sofreu alterações de acordo com sua cultura e necessidades imediatas.

**Palavras-chave:** bíblia, animais, antropologia

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze and identify the uses and customs of the hebrew people in relation to animals, compare them to other people of the same period and search repercussions of these 'uses' in the current days. Made a survey, in the Bible there are 3144 verses citing 219 animals, divided by gender, grade and species. Among these animals contained in the Bible, three categories were analyzed: the separated for food, the sacrifices and the unclean; and as representatives of the following: cattle, goats, sheep, pigs and Columbidae. I selected these five classes, for analysis and identification of the interrelationship between the people described in the Bible. They compare the habits of this historical period and their impact to today. It was concluded that the focus of the animals is: food, holocaust, services and metaphors. In the Judeo - Christian belief there is the consolidation of a single God, whose representation of His strength and vitality is due to the purge of other gods and at the same time grasps the symbolism of some animals. Still, according to the Bible, humans

should relate to non-rational animals, overlapping them, but harmoniously. However, over time, human animals front view undergoes changes according to their culture and immediate needs.

**Keywords:** bible, animals, anthropology

## INTRODUÇÃO

O destino do homem é o mesmo do animal; o mesmo destino os aguarda. Assim como morre um, também morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida; o homem não tem vantagem alguma sobre o animal. Nada faz sentido! Todos vão para o mesmo lugar; vieram todos do pó, e ao pó todos retornarão. Quem pode dizer se o fôlego do homem sobe às alturas e se o fôlego do animal desce para a terra? (Eclesiastes 3:19-21)

Desde os primórdios dos tempos, homem e animal caminham juntos nesta jornada terrena. Segundo a tradição judaico-cristã, apesar de Deus ter formado primeiro as plantas e os animais (Gn 1:11-12 e Gn 1:20 -25), sua última obra, o ser humano (Gn 1:26), teve a primazia da criação – o domínio sobre todos os seres vivos, sejam plantas ou animais. Todos com a benção do Criador e à subserviência do Homem (Gn 1:28).

De acordo com THOMAS (1996, p 23), o predomínio humano tinha, portanto, lugar central no plano divino. (...) Foi tendo em mente as necessidades humanas que Deus criteriosamente projetou e distribuiu os animais.

Nesta perspectiva, todos os seres vivos estão à mercê da humanidade: bois, cavalos e mulas para trabalharem para os homens; o cão para ser fiel e carinhoso; os pássaros para entretenimento; e até os animais selvagens seriam instrumentos da ira divina; assim como os piolhos seriam necessários para incentivar a higiene. THOMAS (1996, p 24) registra ainda na década de 1830, que os autores dos Tratados de Bridgewater sobre “a bondade de Deus conforme é manifestada na Criação” sustentavam que todas as espécies inferiores tinham sido feitas para servir aos propósitos humanos.

Até prazeres mais mórbidos como rinhas de galos, instigar ursos, cães contra outros animais ou até mesmo contra outro de sua espécie, fazer vivissecção, era absolutamente natural pois, “o cristianismo nos fornece a insígnia que permite usar esses esportes “ – FULLER (1642) in THOMAS (1996, p 27).

Será que está “autoridade” que as Sagradas Escrituras teriam dado ao homem, esta maneira de tratar e encarar os animais, realmente procede dos propósitos reais bíblicos? Por que ainda hoje são feitas rinhas de galos e touros são acossados em praças? Quando queremos ofender a alguém, sempre um animal será o primeiro adjetivo utilizado: cachorro, porco, anta e tantos outros. Qual a origem disso? Será a Bíblia responsável por isso?

Lendo toda a Bíblia, notamos várias passagens que citam animais e seu uso no cotidiano hebreu, até algumas mudanças de hábitos (o hebreu no Velho Testamento não come porcos Lv 11.7, mas o do Novo Testamento, os cria Mc 5.13-14). Animais puros e

impuros para alimentação (Lv 11. 1-47 e Dt 14. 3-20); o leão usado por Sansão (Jz 14. 5-9), os cavalos na aliança entre Josafá e Acabe (I Rs 22.4); os cães na morte de Jezabel (I Rs 21.19 e II Rs 9.36); animais falantes (Gn 3.1-5 e Nm 22.28-30), animais monstruosos (Jó 40.15-24 e Jó 41.1-34; Jn 1.17), metáforas com animais (Sl 11.1; 32.9; 42.1; Ct 1. 8-11; 2.7-9); animais asquerosos (Is 14.11; 14.29; Is 34.13-15; Mq 7.17; Na 2.11-13; Mt 10.16; Mt 23.33); animais fantásticos (Dn 7.3-12; Ap 12.3-4); entre outros. Para THOMAS (1996, p 26) todo animal estava, pois, destinado a servir algum propósito humano, se não prático, pelo menos moral ou estético.

A partir desta premissa, ou seja, de como as culturas que deram origem à Bíblia tinham consciência dos animais de seu tempo e como os utilizavam foi o nosso enfoque nesta pesquisa. Não como uma questão de “mordomia” ou sob a ótica da “posse responsável”, mas, com o objetivo de caracterizar, dentro da esfera bíblica, os animais não humanos e sua relevância antropológica na perspectiva do mundo antigo, mais especificamente para o povo hebreu e a percepção dessa visão e sua influência no mundo contemporâneo.

Para isso, foi importante investigarmos os conceitos e ou preconceitos provenientes de outras culturas que teriam influenciado as atitudes dos povos bíblicos, com relações aos animais não humanos, a ponto de serem classificados como puros e impuros, pois na visão de um Deus único, qualquer relação com povos que possivelmente adorassem animais como deuses (ou representantes destes), seria um ato de sacrilégio ou heresia. De acordo com DOUGLAS (1976) deve haver um antagonismo entre santidade e abominação, o que acaba por dar um sentido mais amplo a todas as restrições particulares.

Analisando, portanto, paralelamente ao histórico bíblico, outras civilizações antigas e contemporâneas de Israel, de forma a traçar um perfil sobre a importância que estes seres (os animais) ganharam, perderam ou mantiveram para os povos da linha teológica judaico-cristã e de que forma essas ideias, usos e costumes chegaram até nós.

Segundo ELIADE (1972, p 22) conhecendo o mito, conhece-se a “origem” das coisas. E ainda citando ELIADE (1979, p 32) o que distingue o historiador das religiões de um historiador sem mais, é que ele lida com fatos que, embora históricos, revelam um comportamento que ultrapassa de longe os comportamentos históricos do ser humano.

Para CAMPBELL (1992, p 4) quando a História está em sua mente, isto leva a percepção da sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida; a perspectiva ao que lhe está acontecendo. Campbell justifica de forma plena esta pesquisa, pois se perdemos de vista os alicerces de nossa sociedade, os nossos atos serão autômatos e desprovidos de sentido.

Sendo assim, a proposta deste trabalho foi analisar e identificar os usos e costumes do povo hebreu com relação aos animais, compará-los a outros povos do mesmo período, buscando as repercussões desses “usos” nos dias de hoje. Acreditamos que esta pesquisa será fonte de dados para muitos trabalhos nas áreas de proteção animal, bioética e abrirá horizontes dentro da perspectiva bíblica.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram analisados, mediante a consulta de GILMER (1999), todas as passagens bíblicas que citam animais (3144 versículos, num total de 219 animais divididos por gênero, quantidade e espécie) e a forma com que estes são tratados no texto bíblico.

Foi constatado um padrão entre estes versículos, sendo assim escolhidos os animais cujo grau de importância como alimento, serviço, holocausto e grau de pureza se destacaram no texto bíblico.

São estes: gado bovino (com 427 versículos onde são citados como holocausto, objeto de adoração, utilidade doméstica, alimento e ou adoração), gado ovino (com 610 citações, como holocausto e alimento, inclusive 31 delas referentes a Cristo como cordeiro de Deus), gado caprino (com 157 citações também como alimento e holocausto), gado suíno (com 21 aparições onde se destaca a questão da pureza e restrição alimentar) e os columbídeos (com 59 aparições onde a simbologia e sua utilização como holocausto se destacam).

Ao longo do estudo foi imputado certo grau de importância a cada um desses grupos que será descrito no decorrer do artigo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A compreensão da realidade mítica-cultural tratada, não só da civilização hebraica, mas do conjunto sócio-político-cultural do período estudado (antiguidade bíblica), requer uma revisão bibliográfica com base em mitologia e imagens simbólicas. Serão utilizados os seguintes autores: CAMPBELL (1992), ELIADE (1972; 1979; 1992), GIRARD (1997).

Para a análise histórica/antropológica e comparação com outras civilizações, afim de estabelecer relações históricas de contemporaneidade com a civilização hebraica, determinar seu contato e possíveis absorções culturais com as culturas dominantes ou vizinhas da época e trazer a questão para os dias de hoje, utilizaremos os seguintes autores: BRIGHT (1978); DOUGLAS (1976); DRIOTON (1958); FOHRER (2006); FRAZER (1986); GIRARD (2004); KOLATCH (1996); SALES (2013); SPALDING (1995); SCHOCHET (1984); THOMAS (1988); WAINER (1996); WOODHEAD (1989).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1. Homem e animal: seu relacionamento através dos tempos

Quando tratamos do tema Animais, a primeira coisa que nos vem à mente são, de acordo com nossas raízes judaico-cristãs, um ser subserviente, arisco que precisa ser domesticado, cuidado e que possui alguma utilidade. O próprio substantivo **animal**, já nos remete a um ser com atitudes bestiais ou brutais, sem discernimento ou controle sobre suas ações. Mas de onde seria proveniente esta ideia? Algumas culturas têm até um zelo excessivo para com os animais como a cultura hindu; porém outras trazem em seu bojo valores de profundo desrespeito para com os bichos.

THOMAS (1988, p.21) nos mostra que desde a Grécia antiga o homem já colocava o animal no plano de subserviência:

A natureza não fez nada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens. Animais domésticos existiam para labutar, os selvagens, para serem caçados”.

Aliado ao princípio judaico encontrado no livro de Genesis (2, 28) onde Deus coloca o homem como senhor da terra: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. ” , justificou-se então o poder do homem sobre toda a natureza.

Portanto, nesta concepção,

Até mesmo os animais domésticos deveriam ser forçados à submissão. Após o dilúvio, Deus renova a autoridade do homem sobre a natureza e os animais (Gen 9:2-3). Temam e tremam em vossa presença todos os animais da terra. [...] Nesta lei do Antigo Testamento o domínio do homem sobre a natureza se fundou. O advento de Cristo reforça-a, sendo visto por alguns comentadores como uma confirmação dos direitos humanos sobre o mundo natural. (THOMAS ,1988, p. 22)

Apesar desta possibilidade interpretativa, temos diversos paralelos históricos da relação animal-homem nos povos circunvizinhos à Israel. Dentre os povos bíblicos da antiguidade, devemos destacar a civilização egípcia, pois para ela, cada animal era a representação de um deus ou senão o próprio deus (deuses zooantropomorfos). De acordo com o historiador grego Heródoto “Os animais que se vêem no Egito são todos sagrados— quer se trate de animais selvagens, quer de animais domésticos. Quanto a saber por que lhes rendem culto... se tentasse dizê-lo, eu teria de falar de coisas divinas”. (SALES, 2014, p. 61)

DRIOTON (1958, pp. 14-20) nos dá uma ideia deste panteão; onde temos deuses humanos ou semi-humanos, que possuem animais sagrados como **Ptah**, deus patrono dos escultores e ferreiros, senhor de Mênfis, cujo animal era o Boi Apis (fig 1); **Amon**, também conhecido como **Amon-Rá**, senhor de Tebas, deus do céu identificado com o sol, seu animal era o carneiro de chifres caídos (fig 2); **Khum**, deus modelador dos seres num torno de barro, senhor da cidade de Elefantina, deus com cabeça de carneiro com chifres horizontais (fig.3), seu animal era o carneiro. **Osiris** (fig. 4), senhor de Busiris, deus dos mortos, seu animal era o bode; **Hator** (fig.5), senhora de Denderá, deusa das alegrias e do amor, sua representação era a vaca. **Montu** (fig 6), da cidade de Hermôntis, deus guerreiro com cabeça de falcão ou touro, armado de um machado, seu animal: o touro Búkis. Estes são apenas alguns dos exemplos do imenso panteão de deuses zoomorfos no antigo Egito.

Já os povos cananeus possuíam deuses antropomorfos, que estavam associados aos corpos celestes como lua, sol, estrelas; dependendo então o povo exclusivamente destes; com rituais, por vezes sangrentos, para aplacar a ira ou receber seus favores. Estes deuses, muitas vezes protetores de uma cidade em especial ou de determinada tribo, deveriam por ela serem adorados sob pena de não proteção ou de maldições. Portanto o sacrifício humano e/ou animal, sobretudo nos rituais de fertilidade da terra eram necessários para honrar, alimentar e apazigua os ânimos divinos. FOHRER (2006, p. 52) nos mostra que:

A religião Cananéia ostenta a sua imagem peculiar, que a distingue de outras religiões. É uma religião nacional vinculada a uma civilização organizada em cidades-estados. Ela pressupõe uma condição geral da graça divina, que, em benefício do povo, de ser preservada e restaurada continuamente. Quanto ao seu conteúdo, é uma religião de vida e fertilidade renovadas e, como todas as religiões deste tipo, é sensual, orgiaca e cruel.

Embora os deuses cananeus fossem antropomorfos, todos estavam relacionados a algum tipo de animal ou corpo celeste. FOHRER (2006, pp. 58-62) evidencia os deuses mais importantes do panteão cananeu: **El**, o criador e pai de deuses e homens, o eternamente sábio e “o santo”, também chamado de “El rei” e “El touro” (o que demonstra seu domínio e força). **Asherah**, sua esposa, representada como uma matrona, a mãe dos deuses, a intercessora diante de El, representada pela leoa.

**Baal**, não só um nome comum com o significado de ‘senhor’, ‘proprietário’ ou ‘marido’, como também o nome do deus, que deve ser identificado com Hadad, o deus da tempestade, da chuva e da fertilidade; sua irmã e companheira **Anat**, “a virgem”, assim chamada por sua inesgotável beleza, ela tem uma exagerada sexualidade; entretanto, é sedenta de guerra e sanguinária (a coruja era seu animal atributo).

**Yam** é um dos dois opositores de Baal. A forma completa de seu nome, 'Príncipe Mar, Soberano Rio (associado ao Leviatã, Tannin e a 'serpente enrolada' com os quais assolava a terra). **Mot**, 'morte', cujo domínio é a maturidade e a morte, a seca e o deserto, a morte e o mundo dos mortos, é o outro e o mais terrível opositor, que realmente derrota Baal por um período limitado, de modo que a natureza desfalece (um dos poucos deuses que não possui animal atributo).

**Ashtar** também foi adorado em Ugarit (outros nomes do mesmo deus: **Camosh** e **Mikm**, era adorado na região entre o Arnon e o Jaboc, com uma importante base para o significado do termo '*molek*' do Antigo Testamento), como o deus do sul da Arábia, parece que está ligado a Vênus, a estrela da tarde, eram-lhe oferecidos sacrifícios humanos, em geral crianças (apresentado sob a forma de homem com cabeça de touro com os braços estendidos para receber as vítimas, pensa-se que o famoso touro de Fálaris era uma representação desse ídolo, o Minotauro das lendas gregas tem afinidade com essa divindade) .

**Astarte** corresponde à deusa babilônica Ishtar e é mencionada frequentemente nos textos culturais e litúrgicos de Ugarit. Ela é claramente uma deusa da fertilidade com um culto sexual. Uma deusa de grande importância na religião cananéia, pois seu nome aparece como protetora de várias cidades. Seus atributos são a pomba, a estrela, uma estrela e uma ave de rapina)

**Dagon** foi adorado na Mesopotâmia (Mari) e na Síria o terceiro milênio em diante. Na Síria, pelo menos, foi considerado o deus do cereal e o doador da fertilidade, adorado com muito zelo em Ugarit. Na Palestina, era deus principal da região filisteia, com templos em Gaza (Jz 16.23) e Asdod (1Sm 5.1-5). Seu animal atributo é o peixe.

E, como oferta para estes deuses, o sacrifício mais comum eram os animais.

Exatamente como no Antigo Testamento, os animais de sacrifício mais comuns são os novilhos, ovelhas, cabras e pombos. Espécies selvagens, como a gazela e a cabra montês, também eram consideradas apropriadas para o sacrifício. Contudo, quando lista de tais animais ocorrem em textos mitológicos, a questão que se levanta é: se e quando tais normas estavam em vigência. Escavações feitas no antigo estrato neolítico de Gezer e no estrato da Idade do Bronze de Tirzah demonstram que se sacrificavam porcos na Palestina, provavelmente desde o período pré-semita. É ainda desconhecida a extensão em que o sacrifício humano era praticado na região cananéia. (FOHRER,2006, p 72)

Segundo ELIADE (1978, p. 191) estes sacrifícios eram considerados como alimentos oferecido aos deuses. Os costumes, ou seja, a forma como eram realizados estes rituais sacrificiais, se assemelhavam muito aos praticados no Antigo Testamento: existia o holocausto, o sacrifício ou oferenda de "paz" ou de "comunhão", e o sacrifício expiatório.

Outros povos que também tiveram uma ligação estreita com a formação do povo hebreu foram os **Hititas** e os **Hurritas**. De acordo com SPALDING (1995, p. 119):

Conhecidos como *Heteus* devida a tradução grega da Bíblia (a Septuaginta): *Chettaios*, que na Vulgata passou para Hetaeus; o nome hitita também deriva da Bíblia: Hittin. Mas os assírios conheceram esse povo com o nome de Hatti e os egípcios de Ht'. A língua hitita é de origem indo-européia. Os hurritas apareceram cedo [...] na Mesopotâmia, antes de 2.300 aC.[...] instalados a Este do Tigre; já constituíam um importante fator político. [...] Os hurritas foram os intermediários entre os babilônicos e os hititas; estes jamais tiveram contatos diretos com a Babilônia.

O panteão hitita é extremamente confuso; sua religião é frequentemente chamada de “os mil deuses do país de Hati” (SPALDING, 1995, p. 120). Mas, observando-se com um olhar mais atento, esses “mil deuses”, segundo CONTENAU in DRIOTON (1958, p. 67) designam a mesma entidade sob os diversos nomes que ela trazia na linguagem das diversas tribos do império, ou na mesma tribo sob diferentes aspectos. Os deuses naturistas proto-hititas encontram-se permeados pelos deuses hurritas. São eles: a deusa sol **Wurusemu** (da cidade de Arina) e o Grande –deus, cujo animal atributo é o touro. Entre os dos proto-hititas os outros deuses foram: **Telepinu**, espírito da fertilidade; **Kubaba**, tornada entre os gregos Cibebe ou Cibele; **Santas** (o Sandon de Tarso); **Tarhum** na Cilícia (o tarkon da Etrúria). Dos Hurri: **Kumabi**, também chamado o pai dos deuses; **Sauska** (análogo ao Ishtar babilônico); um deus caçador associado ao cervo, que rege os campos e, sobretudo, o grande casal divino deusa **Hepat** e do deus **Techub**. Juntam-se a estes os deuses da dinastia fundadora, tomados da civilização indiana: **Mitra**, **Indra**, **Varuna**, os **Nasatias**, e os da Mesopotâmia adotados sob sua influência: **Ea**, **Anu**, **Enlil**, **Nergal**. No culto, a deusa sol de Arina é confundida com a Grande-deusa mãe Hepat, cujo atributo é a pantera (ou leoa), e também a pomba; o Grande-deus **Techub** é o regente da atmosfera; ele comanda as tempestades, qualidade expressa pelos atributos que ele tem em mãos: o machado duplo e o raio representado pelo tridente sinuoso; seu animal atributo é o touro, sobre o qual ele se acha de pé. As adorações são feitas nos templos que são ministrados por sacerdotes de acordo com um ritual que prescreve a purificação dos celebrantes (ilustrações, vestes especiais) e regula as oferendas (frutos, líquidos, animais); estes últimos serão degolados para que o seu sangue seja derramado da maneira como se derrama a libação diante do deus. Marduc ou Merodac, segundo os hebreus, era o deus adorado na Babilônia como divindade suprema, era filho de Ea; seus atributos: o dragão, o peixe-cabra e o cão.



Fig.1 Harsafes- deus com cabeça de carneiro, ligado à fertilidade virilidade.  
Fêmea de Hipopótamo grávida-Símbolo de Taweret, divina parteira egípcia.  
Deusa na tampa de marfim: divindade da fertilidade cananéia, acompanhada de dois bodes.  
Fonte: WOODHEAD,H (Dir), História em revista- 1500-600 a.C., RJ, Time-Life livros, 1989, p.60.

## 2. O povo de Deus e sua relação com os animais

É interessante observar que a Bíblia, como um todo, não reporta aos animais como de estimação ou companheiros do homem; temos apenas o caso da jumenta de Balaão que reclama dos maus tratos, afirmando sua fidelidade ao seu senhor:

“E a jumenta disse a Balaão: “Porventura não sou a tua jumenta, em que cavalgaste desde o tempo em que me tornei tua até hoje? Acaso tem sido o meu costume fazer assim contigo? E ele respondeu: Não.” (Nm 22:30)

Os animais apresentados no livro sagrado não são motivos de afeto humano, muitas vezes são representantes da ira Divina, estão cercados de simbologia ou são meros meios de alimento, sacrifício ou transporte.

Dentre esses animais constantes na Bíblia, analisaremos três categorias: os apartados para alimentação, os voltados para sacrifícios e os considerados impuros; e como representantes destes: bovinos, caprinos, ovinos, columbídeos e suínos.

Para compreendermos melhor a classificação escolhida, é necessário resgatar a origem histórica do povo hebreu.

Já no relato mítico da criação do mundo observamos a formação de uma cultura agressiva e caçadora, onde ocorre a luta entre duas formas de existência que competem num mesmo espaço: a morte de Abel por seu irmão Caim, onde Abel simbolizaria o pastor contra o plantador Caim.

Esse é o mito de um povo caçador ou pastor, que chega a um mundo em que prevalece a cultura do plantio e denigre o povo por ele conquistado[...] Na tradição bíblica, o segundo filho é sempre o vencedor, o bom. O segundo filho é o recém-chegado – ou seja, os hebreus. O filho mais velho, ou o povo de Canaã, vivia ali antes. Caim representa a posição da cidade agricolamente estabelecida. (CAMPBELL, 1990, p. 112)

Portanto, os povos semitas, pastores nômades, seriam cruéis e hostis, pois buscavam novas pastagens, sua subsistência estava voltada para a criação de animais, trazendo seus deuses masculinos, guerreiros e avassaladores que destronaram as antigas deusas agrícolas como Tiamat, Ishtar, Astarte, Isis e seus consortes. CAMPBELL (1990, pp. 179, 180) deixa isso bem claro:

Onde há caçadores, há assassinos. E onde há pastores também há assassinos, porque estão sempre em movimento, são nômades entrando em conflito com outros povos e conquistando as áreas para onde se movem, E essas invasões traziam deuses guerreiros, lançadores de raios, como Zeus e Jeová. A espada e a morte em lugar do falo e da fertilidade [...]

Da mesma forma, ELIADE (1992, p. 62) afirma que “O Ser supremo de estrutura celeste só conserva seu lugar preponderante entre os povos pastores, e ganha uma situação única nas religiões de tendência monoteísta (Ahura Mazda) ou monoteístas (Jeová, Alá).”

Para SCHOCHET (1984), em se tratando de uma nova fé, um Deus único, todo o vestígio e resquício de quaisquer outros deuses de influência advindos de outros povos precisavam ser eliminadas. A proibição de casamentos mistos entre hebreus e povos da terra, a eliminação de imagens e esculturas; a desmitificação dos animais como deuses ou seus representantes e principalmente a omissão na Bíblia de animais como o gato e o escaravelho (deuses do antigo Egito, onde povo hebreu habitou por trezentos e quarenta anos); foram fatores fundamentais para a solidificação do monoteísmo e estruturação do judaísmo.

Apesar da necessidade de se construir uma nova religião, algumas práticas ritualísticas foram preservadas pois o povo estava acostumado aos sacrifícios e aos holocaustos. Porém agora não se trataria mais de festas aos deuses, para livrarem o povo de perigos ou serem apaziguados; mas sim de ações de graças e purificações ao Deus cujo nome era (e ainda é entre os judeus) impronunciável – lahweh!

Israel viu o seu Deus lahweh em oposição a outros deuses que eram igualmente poderes reais. A existência desses outros deuses foi livremente admitida. Exatamente como lahweh era o Deus de Israel, também eles eram, naturalmente e sem reservas, vistos como senhores de outras nações (cf. Jz 11.24ss; 1Sm 26.19). ( FOHRER, 2006, p. 131)

Observamos desta forma, que um certo sincretismo foi realizado, pois sob a influência de cerimônias e rituais cananeus, o culto de lahweh sofreu uma elaboração contínua; o sistema de sacrifícios cananeu foi amplamente utilizado, apesar da comida oferecia não representar a alimentação do deus, representa uma comunhão do povo com Ele.

Portanto, teremos uma mudança de “foco” com relação aos sacrifícios e ao uso de animais. BRIGHT (1978) salienta que o culto de Israel primitivo não se destinava a manter um bem-estar material como nas religiões pagãs, mas uma recordação de sua história. O culto não se centralizava mais num sistema sacrificial, mas em certas festas anuais. Festas estas, mais antigas que Israel e, com exceção da Páscoa, todas tinham cunho agrícola, com um novo significado, um conteúdo histórico único, a exaltação de seu Deus.

O antropólogo Frazer (1986), relaciona o ato da respingadura de molho nos campos a proibição sobre cozer o cabrito no leite de sua mãe (Êx 34.26). Um rito supersticioso pagão, onde logo após a colheita seria cozido um cabrito no leite de sua mãe e, como um ritual de magia da fertilidade, esse seria aspergido por entre campos, árvores, hortas. Apesar de poucas bases históricas (uma afirmação não demonstrada de um autor anônimo medieval, um membro da seita judaica karaíta) nos traz a luz a constante preocupação dos líderes judaicos em expurgar da nação hebreia os hábitos adquiridos durante sua convivência entre outros povos ou mesmo hábitos pré-formação de Israel. FOHRER (2006, p. 134) nos lembra que essa prática era realizada em honra a Baal, deus da chuva, doador da fertilidade e, portanto, deveria ser banida de Israel.

Mas nem tudo referente aos animais foi relegado a segundo plano ou ao esquecimento. A representação e utilização dos Chifres dos animais continuou a ser usada pelos hebreus. Não podemos esquecer que chifres são ossos revestidos de queratina, são perenes, resistentes e muitas vezes associado à força e poder do animal que os possui (na Grécia antiga o símbolo da fartura é um chifre que em seu interior está repleto de alimentos – a cornucópia da fartura). Apesar dos animais com chifres estarem ligados aos maiores deuses dos povos circunvizinhos de Israel, como Amon-Rá, El, Baal, dentre outros, trazendo em si a conotação divina, simbolizando força e grande vitalidade e energia, os chifres ainda serão utilizados na cultura hebraica, tanto para expressar força, como ânimo (energia vital), como poder divino de salvação (Dt. 33:17) e consagração (fig.2).

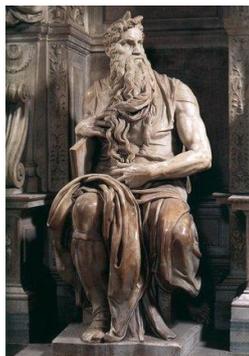


Fig 2- escultura de Michelangelo: Moisés, com chifres.

Fonte: <https://ka-perseus->

[images.s3.amazonaws.com/2474b7a6f235ff8a459d5302b8232727a1fe37f0.jpg](https://ka-perseus-images.s3.amazonaws.com/2474b7a6f235ff8a459d5302b8232727a1fe37f0.jpg) acesso 15/02/2016

Na construção do altar do holocausto (fig 3), quatro chifres eram dispostos (Ex. 27: 2; 8:2), cada um numa das extremidades. Para GIRARD (1997, p. 640, p.636) o “chifre simboliza quase certamente a totalidade cósmica: como o templo quadrado ou retangular, o altar corresponde a um espaço sagrado que sintetiza em um ponto pequeno todo o universo.”. O chifre unifica o simbolismo do touro, bode e carneiro: os dois chifres que parecem evocar 3 coisas poderosas: força, fecundidade e /ou agressividade (hostilidade)



Fig. 3 – ilustração representativa de um altar israelita

Fonte: <https://blogultimatrombeta.files.wordpress.com/2015/03/g09.jpg> acesso 15/02/2016

Apesar deste uso bíblico dos chifres nos altares de holocausto, o simbolismo bíblico dos chifres também pode remeter ao mal ou a reinos maus, que desafiam os eleitos de Deus (Dn 7:7; 8:8; Ap. 12:13). Desde um rei ou um império humano que de algum modo personifique o mal no mundo, até a imagem de grandes visões simbólicas e apocalípticas de monstros que simbolizam o mal (GIRARD, 1997)

Um outro detalhe que não pode passar despercebido com relação ao tratamento dado pelo povo hebreu aos animais é o não incentivo à caça. Não é uma questão de bondade ou carinho para com os animais selvagens, mas sim uma questão de pureza:

Animais mortos por caçadores, mesmo sendo animais *kasher* (cascos fundidos e ruminantes) são considerados *hefá* – dilacerados, como assinalado no livro de Ex 22:30. Se um animal *kasher* for capturado numa armadilha e não for machucado, a carne pode ser comida se o animal for abatido por um *shochét* (magarefe ritual) de modo ritualístico preciso. (KOLATECH, 1996, p. 96)

Esta questão de pureza estará intimamente ligada, não só a fatores de repúdio a tudo que fosse de outros povos mas para diferenciar os que pertencem a Deus como um ser perfeito e possuidor de uma categoria bem definida; a pureza e a santidade significam manter uma distinção bem definida das categorias de criação. Ou seja, cada classe de animais deve possuir de forma plena todas as características de sua espécie. Isto definirá o quão correto, perfeito e ordenado é a criação divina. Em DOUGLAS (2014, p. 70) ser santo é ser total, ser uno; santidade é unidade; integridade, perfeição do indivíduo e da espécie. As regras dialéticas apenas desenvolvem a metáfora na mesma linha.

Sendo assim, o porco não se enquadra perfeitamente nas classes de animais definidas na Torá, portanto será considerado um animal impuro. Ele é um ser de “dois mundos”, então, não é digno de ser utilizado como alimento para os homens ou oferta para Deus, pois o Deus hebreu exige não só as primícias da terra como os machos primogênitos (de homens e animais - Nm 3:13; 8:17; 18:15) e os animais puros e perfeitos (Lv 22:21). O camelo, a lebre, o coelho e o porco, fazem parte dessa categoria impura de animais que apresentam características de duas classes sendo assim abominados pelo mundo judaico como alimento ou oferta. Ainda na questão de pureza, WAINER (1996, p. 25) acrescenta que os animais *kasher* não são carnívoros, e por consequência menos agressivos, só se alimentando de vegetais.

Portanto, DOUGLAS (2014, p. 72) nos esclarece que, “em geral, o princípio subjacente de pureza dos animais é que eles sejam totalmente conforme a sua classe. São impuras as espécies que são membros imperfeitos de suas classes ou cuja própria classe confunda o esquema geral proclamado”.

Já GIRARD (1997, p. 647) observa que a primeira constatação se impõe desde o começo, ou seja, o porco nunca foi alvo de qualquer consideração positiva; seja no Antigo, seja no Novo Testamento. O termo “porco” tem sentido claramente metafórico em pelo menos quatro ou cinco textos bíblicos. Está sempre associado a humanos: uma mulher sem bom

senso e sem discernimento, um rei ou um povo invasor, um grupo de guerreiros rebeldes, pagãos hostis ao evangelho e cristão batizados que retornam à vida pecadora que possuíam. Os aspectos aqui envolvidos seriam: a estupidez do porco, sua selvageria, sua agressividade e sua satisfação na sujeira.

### 3. Animais Sacrificiais

Assim como os cananeus, o povo hebreu também fazia sacrifícios. Como vimos anteriormente, as festas cananeias foram ressignificadas e absorvidas. Os animais usados eram os mesmos: bois, bezerros, carneiros, ovelhas, bodes, cabras, pombos.

O sacrifício de um animal abatido (*zebah*) era um sacrifício de comunhão, para o qual podiam ser usados novilho, ovelha e cabra. O animal sacrificado era consumido numa refeição comunitária. A carne era dividida entre *lahweh* e os adoradores; mais tarde, numa data que não se pode determinar, o sacerdote também participava dela. *lahweh* recebia as partes mais valiosas do animal abatido, as porções de gorduras, que eram queimadas sobre o altar. Aqueles que participavam do ato tinham de estar ritualmente puros. (FOHRER, 2006, ps. 267,268)

O touro ou o boi, assim como suas derivações (novilho e bezerro) ainda vão exercer certo fascínio no ideário hebreu, apesar de todas as suas proibições; nota-se que o culto ao boi (provavelmente o boi Ápis egípcio) continuou a atrair Israel logo após o Êxodo e, além disso, como *lahweh* toma o lugar de El (deus cananeu senhor do universo) cujo atributo é o touro, ainda será representado pelas qualidades desse animal Ex. 32, 1-35; Dt 9,16.21; Ne 9,18; Sl 106, 19-20; At 7,41; mesmo no tempo da monarquia; mas a lei e os profetas o denunciavam e rejeitavam ininterruptamente.

Pode-se, contudo, perguntar se o tema mitológico não subsiste atrás de algumas denominações de *lahweh*: em nossas bíblias geralmente se traduz *'abîr ya'aqob* ou *ysera'el* por "o Poderoso de Jacó" ou o "Indomável de Israel", mas não se deve esquecer que *'abîr* é uma das designações possíveis do touro. (GIRARD, 1997, p. 640)

Na própria construção do templo, Salomão introduziu o "Mar de Fundição"; uma cuba de bronze fundido, que estava sustentada por doze touros representando a força das tribos de Israel (fig. 4). Ainda hoje, nos templos da Igreja dos Santos dos Últimos Dias pode-se observar a preservação deste símbolo, sendo o mesmo utilizado como tanque de batismos (fig.5).



**Fig. 4 – réplica do “mar de fundição” do Templo de Salomão**

Fonte: <http://www.ecoartetriunfo.com/mar-de-fundicao.html> acesso 02/12/2015



Fig 5- Tanque de batismo

Fonte: <http://investigacoessud.blogspot.com.br/2009/12/doutrina-sud-perguntas-sem-respostas.html> acesso 02/12/2015

A consorte do touro, a vaca, tem duas imagens na Bíblia: a de seu caráter rebelde (Am4:1) e sua única imagem simbólica; Gn 41, quando em sonhos o faraó vê subir do Nilo sete vacas gordas e sete vacas magras (vv1-4.17-21). E José interpreta que os animais correspondem à tantos anos de abundância e tantos de carestia (vv 26-31) (GIRARD, 1997)

Ressaltar os defeitos é uma maneira de obscurecer a representação que outros povos tinham da vaca como um ser doador e até mesmo colaborador na formação e manutenção do universo.

Ainda tratando dos animais de chifre, para a maioria dos povos antigos, o bode possui a conotação da energia e fecundidade; mas também é o símbolo psicológico da perversão e da sensualidade. Na Grécia antiga serviam às divindades da fecundidade ou faziam composição com elas (sátiros, faunos). Ponerologicamente falando, o bode é a personificação do mal: repugnante, representa a luxúria. “Os demônios mais importantes mencionados no Antigo Testamento (sem distinguir entre o períodos pré-exílico e pós-exílico) são demônios peludos com a forma de bodes, que habitavam as regiões ermas (*Sírim* Lv 17.7; 2Rs 23.8; Is 13.21; 34.14; 2Cr 11.15) (FOHRER, 2006,p. 228).

Ao mesmo tempo, o bode era um animal de extrema importância para os israelitas pois através dele (do bode) era feita a expiação do pecado do povo. Conforme descrito em Lv 16:8. 10. 20. 26; dois bodes eram levados para o ritual: um para lahweh (imolado em sacrifício pelo pecado) e outro, que era enviado para o deserto. Após um ritual, um simbolismo onde o sumo sacerdote impunha as mãos na cabeça do animal transferindo-lhe assim o pecado do povo, era conduzido, por um indivíduo designado para isso, até o deserto onde era abandonado, deixado para Azazel.

Mas, por quê um bode? Na história das religiões e na psicologia profunda, esse animal sugere a ideia de impurezas, luxúria, de pecado de atividade demoníaca, por isso não é pois sem razões profundas, que no rito judaico de expiação era escolhido um bode. (GIRARD, 1997, p. 642)

Portanto, ao chamarmos alguém de “bode expiatório”, queremos dizer que determinada pessoa é inocente e está “pagando” pelos crimes e ou pecados de outras pessoas, de uma forma até certo ponto jocosa. Sendo assim, Cristo foi o “bode expiatório” da humanidade, pois foi uma vítima inocente, que morreu em lugar dos verdadeiros culpados.

Interessante reparar que o Cristo não é chamado de “bode” mas sim de “cordeiro”; GIRARD (2004, p. 154) nos explica nesta mudança de animal há conseqüentemente, uma mudança de paradigma pois o bode é um animal mal cheiroso, que provoca repulsa. Então a expressão “bode expiatório” é substituída de forma extremamente positiva pelo cordeiro, salientando as qualidades de um animal inocente, que reflete claramente a inocência da vítima, da injustiça de sua condenação; da ausência de causa do ódio do qual ela é objeto.

Quanto às fêmeas e filhotes de caprinos e ovinos, além de sua utilidade real como alimento e sacrifício, estes são usados muitas vezes na Bíblia como metáforas e comparações. Pela mansidão, sem defesa, vivacidade, facilidade em perder-se, passividade ante a morte, ovelhas e cordeiros são a imagem bíblica ideal para culturalmente designar o povo de Israel.

Cabra e cabrito, ovelha e cordeiro são usados como comparações e metáforas, nunca como símbolos. Na linguagem corrente da espiritualidade e mesmo da teologia científica, o cordeiro é apresentado muitas vezes como 'símbolo' de Cristo morto e ressuscitado. Estritamente, ao menos segundo nossa terminologia, esse modo de falar é aberrante (especialmente no *Apocalipse*), o cordeiro não é 'símbolo', mas 'tipo' (isto é, prefiguração veterotestamentária) de Jesus Cristo. (GIRARD, 1997, p. 643)

Já o carneiro possui uma conotação simbólica de energia criadora e de fertilidade. Como o touro e o bode, pode representar a energia criadora da natureza. Positivamente pode significar força e autoridade, uma capacidade de regeneração (podemos notar essa peculiaridade no mito grego do Velocino de Ouro – onde uma pele de carneiro de ouro possui atributos mágicos curativos e regeneradores). Negativamente pode significar um inimigo combativo ou uma atitude irrefletida.

A última espécie de animal estudada neste trabalho são os columbiformes. As pombas, assim como todas as aves, possuem o símbolo da verticalidade, ou seja, uma comunhão direta com o alto, com Deus, liberdade, transcendência. Sua brancura remete à pureza e ao fogo sutil. Apesar de ser o animal atributo de Astarte, curiosamente foi incorporada como símbolo de Israel (Jonah יונה pomba). Observa-se, portanto uma ressignificação progressiva do animal pomba, que passa de animal atributo de Astarte para veículo da mensagem celeste (Gn 8. 8-12), símbolo de simplicidade (Mt 10.16) e posteriormente, do Espírito de Deus (Jo 1. 32).

A pomba é o pássaro branco, o pássaro-luz: ele traz em plumagem a cor do fogo mais sutil, a cor das realidades do céu, das coisas espirituais, as mesmas das quais Israel é, ao mesmo tempo, destinatário (sujeito passivo) e destinador (portador, sujeito ativo, missionário). GIRARD (1997, p. 706)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou como os seres humanos nas regiões circunvizinhas a Israel utilizaram os animais para glorificar deuses ou para submeterem-se a eles. Suas qualidades, dos animais, uma vinculação direta com a força e o poder das divindades; animais de estimação, protetores do lar, encarnação dos deuses, mensageiros divinos. Mas, para a afirmação de um Deus único, esses animais deveriam perder a aura mística e serem colocados no seu devido lugar: serem simples animais, colaboradores dos homens. A Bíblia fará isso. Mas, como dissemos, ela dá autoridade ao homem sobre os animais para explorá-los de forma ilimitada? Uma sujeição e submissão sem limites?

Com um olhar mais atento aos textos bíblicos, observamos que desde o princípio da nação hebreia existe uma preocupação formalizada na Bíblia sobre o destino dos animais e seu relacionamento com o ser humano. O homem foi chamado a **nomear** cada animal (Gn 2:19,20). O ato de dar um nome, principalmente para os povos antigos, está cercado de simbologia. Só é nomeado o que existe e se eu nomeei sou responsável pelo que dei nome. Portanto, o homem é, bíblicamente falando, responsável pelos animais. Ainda no livro de Gênesis, capítulos 6 e 7, Deus se dirige a Noé ordenando que este os preserve da morte eminente através do dilúvio (Gn. 6:19,20; 7: 2,3).

Há também a preocupação bíblica com o excesso de trabalho. O mandamento para “Guardar o Sábado” (Ex. 20:10; 23:12) exime não só o ser humano como o animal de trabalho ao menos um dia da semana. Maus tratos também são coibidos na Bíblia (Dt. 25:4; I Co 9:9; I Tm 5:18). Sendo o caso mais pungente, o da mula de Balaão (Nm 22:22-33). Deus permite ao animal falar em própria defesa, mas como o coração de Balaão estava endurecido e este ameaçava matá-la, o anjo do Senhor apareceu e lhe propôs a morte, deixando, porém, a mula com vida. Também o texto bíblico de Provérbios 12:10 é bem claro sobre esta perspectiva: “O justo atento para a vida de seus animais, mas o coração do perverso é cruel”. Até o próprio Salomão diz que o destino do homem e do animal é o mesmo! (Ec 3: 19-21)

Analisando assim o fluir do texto bíblico, observamos que a diminuição de importância dos animais colocando-os como seres subservientes ao homem e a Deus e retirando deles o poder mágico e cósmico que os deuses pagãos lhes conferiram, consolidou o poder de um Deus único, mas ao mesmo tempo, a atribuição de qualidades animais a *lahweh* vem a glorificá-lo. *lahweh* é o “leão de Judá” (Ap. 5:5); “Ele tem a glória do primogênito de seu touro” (Dt. 33:17); se os animais possuem qualidades, estas são usadas para exaltar a Deus e os seus eleitos, mas se possuem defeitos; ou são para justiça divina (exemplo: as pragas do Egito de rãs, piolhos, moscas e gafanhotos – Ex. 8:2; 8:16; 8:20; 10:4), ou para servir como metáfora ao comportamento humano imperfeito (teimosia Sl. 68:30, agressividade Sl.22:12, lascívia Ct 7:3, entre outros). Mas de forma alguma o livro sagrado de judeus e cristãos incentiva ou fomenta maus tratos ou exploração dos bichos, sejam selvagens, sejam domésticos.

Mediante estas afirmações, não podemos culpar a Bíblia ou especificamente a cultura judaico-cristã pelos maus tratos aos animais. Mas sim o próprio ser humano e seus interesses imediatos, sua ganância e sua maldade.

Este breve estudo sobre como os animais foram percebidos pelas civilizações bíblicas nos mostram que estes, os animais, continuam sendo como sempre foram: com suas

qualidades, atributos, defeitos. Porém o que os torna mais valorizados ou não, é a forma como o ser humano, ao longo de sua cultura e necessidade os encara.

Ora deuses, ora bestas-feras; todas as sociedades irão buscar e ver aquilo que melhor atenda aos seus interesses, o que lhes satisfaça. Apenas o que muda o paradigma é a vontade do Homem; esperemos que possamos ver os animais como companheiros de jornada, como uma obra divina digna de respeito, cuidado e amor.

## REFERÊNCIAS

- BIBLIA SAGRADA – trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB, 2015.
- BRIGHT, John. História de Israel. 5ª ed, São Paulo: Paulus. 1978.
- CAMPBELL, J, O poder do Mito, São Paulo: Palas Athena, 1990
- DOUGLAS, M, Pureza e Perigo, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1976
- DRIOTON, Étienne. As religiões do oriente antigo. São Paulo: Ed. Flamboyant, 1958
- ELIADE, M, Imagens e Símbolos, Lisboa-Portugal: Ed. Arcádia, 1979
- \_\_\_\_\_, O Sagrado e o Profano, São Paulo: Ed Martins Fontes, 1992
- \_\_\_\_\_, Mito e Realidade, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972
- FOHRER, Georg. História da religião de Israel. São Paulo: Edit. Academia Casa Cristã Ltda/Paulus. 2006.
- FRAZER, J.G.. El folklore em el Antiguo Testamento. México: Fondo de Cultura Economica. 1986.
- GILMER, Thomas L., JACOBS, Jon, VILELA, Milton. Concordância Bíblica Exaustiva. São Paulo: Ed. Vida, 1999.
- GIRARD, Marc. Os Símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal. São Paulo: Paulus, 1997
- GIRARD, René. O Bode Expiatório. São Paulo: Paulus, 2004
- KOLATCH, Alfred J. Livro dos Porquês. São Paulo: Ed e Livraria Sêfer, 1996
- SALES, José das Candeias. Em busca do Touro Apis. **Revista Lusófona De Ciência Das Religiões** – Ano X, 2013 / Nn. 18-19 in:  
[http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/5125/busca\\_touro\\_apis\\_caminhos\\_mitologia\\_antigo\\_egipto.pdf?sequence=1](http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/5125/busca_touro_apis_caminhos_mitologia_antigo_egipto.pdf?sequence=1) acesso 10/10/2015
- SPALDING, Tassilo Orpheu. Dicionário de Mitologia Egípcia Sumeriana Babilônica Fenícia Hurríta e Hitita Celta. 10ª ed, São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- SCHOCHET, Elijah Judah. Animal Life in Jewish tradition. New York (USA): Ktav Publissing House, INC., 1984

THOMAS, K, O Homem e o Mundo Natural, São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

WAINER, Ann Heler. O Olhar Ecológico através do Judaísmo. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

WOODHEAD,H (Dir), História em revista- 3000-1500 a.C., Rio de Janeiro: Time-Life livros, 1989

**CONTATO:** jucymelges@gmail.com (IC) e lidice.ribeiro@mackenzie.br (Orientadora).